



OS AFETOS MASCULINOS EM CAIO FERNANDO ABREU

José MarianoNeto¹

Por que falar de afetos masculinos e não de afetos humanos, já que os homens são uma categoria enquadrada em um conceito amplo e diversificado de humanidade que envolve as mulheres também? Trata-se de uma escolha deliberadamente ideológica: os afetos entre homens, dos quais passaremos a tratar, não pretendem a circulação de emoções e sentimentos heteronormativos apenas; eles avançam ou ensaiam um alargamento e distensão de modelos impostos de sentimento e experimentação da afetividade, como forma de contestação das institucionalizações afetivas e até mesmo como uma maneira de reinventar as emoções e paixões entre um e outro homem.

Para Foucault (2004), é extremamente difícil querer fazer aceitar o homoerotismo pelos valores estabelecidos ou fazê-lo entrar nos quadros institucionais; e, infinitamente mais difícil querer organizar espaços de liberdade fora das instituições. Os espaços de liberdade, a seu ver, são a única possibilidade que gays e lésbicas possuem para viver suas vidas e inventar a si mesmos. Eribom (2008) parece compartilhar do pensamento foucaultiano ao lembrar que as reivindicações de grupos sexuais minoritários trazem em seu cerne um fermento de instabilidade social e cultural que não permitem abdicar de introduzir nas instituições, o que, inevitavelmente, desencadeia uma desestabilização nos modos de existência previsíveis.

Ao se falar do afeto entre homens e de suas múltiplas expressões não se poderá escapar aos conceitos de masculino e masculinidades, até mesmo invocando o estatuto de dissidência e legitimidade às emoções e sentimentos entre homens gays, porque tais práticas afetivas carregam o ranço de uma velha imposição cuja tradição é cercada de leis e normas de regulação que procura servir de matriz universal a homens e mulheres como modelos de relacionamento afetivo e erótico e coibir as tentativas de inovação e rompimento dos cercos disciplinados e normalizadores.

Talvez – a indeterminação é uma marca de quase todas as relações entre homens gays –, os amores masculinos, os amores entre um e outro homem só possam constituir-se à base da camaradagem, do afeto divertido ou com promessas de diversão, e de emoções e sentimentos circunstanciais balizados por uma afeição saborosamente estranha e prazerosa de cumplicidade. Tais práticas revestem-se de provisoriedade, de um sentido vago, de uma compreensão e de um sentir que não se deixam congelar, mas fluir, próprias da experimentação do novidadeiro, da

¹ Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba, sob orientação da prof. Dr. Liane Schneider.



singularidade, do êxtase da inauguração, da invenção, enfim, da criação de possibilidades existenciais.

Não se trata de uma nova cultura, mas de transformação dos aspectos decisivos no campo das relações e dos vínculos afetivos entre homens, como os modos relacionais. Nesse sentido, acreditamos que as novas configurações relacionais e afetivas, de modo geral, e as possíveis experimentações afetivas e eróticas entre homens gays, em particular, escapam ao tratamento da cultura apenas como consequência social. Para Maffesoli (2006), a cultura é um dos aspectos mais importantes da sociedade, porque através dela as pessoas se posicionam socialmente pela multiplicidade de experiências, representações e emoções características da vida cotidiana, a que identificam-se.

O autor acredita que a socialidade contemporânea é caracterizada pelo “pluralismo de possibilidades, a efervescência das situações, a multiplicidade das experiências e dos valores” (MAFFESOLI, 2006, p. 117). Nessa perspectiva, a construção do masculino tem múltiplos desdobramentos, constituindo-se um objeto plural que agudiza a crítica à masculinidade como categoria que torna os homens homogêneos. Ao mesmo tempo, as sexualidades divergentes da matriz heterossexual, ao serem desvalorizadas pela violação do modelo heteronormativo, interrogam sobre o enquadramento heterossexuado de normalidade masculina.

O padrão político de gestão dos corpos, dos desejos e dos afetos é definido pelo heterossexismo, segundo o qual o mundo todo é heterossexual (NEISEN apud WELZER-LANG, 2004). Sob essa matriz, todos os homens são submetidos a hierarquias masculinas, o que acaba por segmentar aqueles que usufruem de algum poder e de privilégios do resto e de outros homens (e, evidentemente, em detrimento das mulheres). A hipótese de uma estruturação uniforme e virilista do masculino escamoteia as diversas práticas que mostram diferenças de vida entre os homens.

Dentre as experiências masculinas, destacam-se práticas sexuais e relações sociais, como poder, expectativas e significados dados pela cultura e determinados por padrões de gênero, diferenças socioeconômicas, pertencimento de classe e outras especificidades. Segundo as pesquisadoras Leal e Knaut (2006, p. 137), “a sexualidade masculina pertence ao domínio da corporalidade ou figura na representada subalternidade dos sentimentos aos desígnios das pulsões corporais – do sexo”.

A discussão, então, que se estabelece ao falar de relacionamentos afetivos e sexuais homoeróticos masculinos não pode se desviar da questão do desejo. Outro problema se atrela também ao desejo: ainda que não se possa falar da existência de “uma forma universal de sujeito



que poderíamos encontrar em todos os lugares” (FOUCAULT, 2004, p. 291), os gays, como sujeitos masculinos, não escapam ao *triunfo social do prazer sexual*.

A cultura gay, entendida num sentido amplo e foucaultiano, deveria inventar modalidades de relações e modos de vida, valores e formas de troca entre sujeitos que fossem realmente novas, que desconstruíssem a homogeneidade heterossexista. Porém, não é o que assistimos. Infelizmente, não avançamos no sentido de que as relações homoeróticas se distanciassem ao tipo de relações que são propostas em nossas sociedades. O que se sabe é que apenas um pequeno número de gays e lésbicas possibilitaram, com suas práticas afetivas e sexuais, criar novas possibilidades de relação ou até mesmo propor um novo direito relacional, alterando os esquemas estabelecidos das relações.

O assimilacionismo de alguns gays não se projeta como uma forma de igualdade de modos de existência, mas como garantia de direitos ou luta por espaços sociais negados. Por outro lado, o conformismo não é uma adesão aos quadros da vida e à ordem sexual heteronormativos, embora assegurem uma certa estabilidade que proporciona alguns homens gays a encontrarem a si mesmos, coincidindo com papéis sociais estabelecidos socialmente fixados e aceitos. No entanto, as normas e as instituições sociais são homófobos, confirmando, em um grau exacerbado, o ódio e o rechaçamento das diferenças ao mundo ao qual se busca uma integração.

Como isso se resolve na literatura na contemporaneidade, ou melhor, como as relações homoeróticas são tratadas pelo texto de ficção, é a questão que levantamos. Para elucidar a problemática, apontamos, no mínimo, dois aspectos atrelados à configuração das relações gays e lésbicas pela literatura: uma, é a de que raros autores consagrados dão tratamento ao tema; outra, é a de que existe uma distância entre edições gls e literatura gay e a a literatura canônica.

A marca sexual de uma literatura tematicamente homoerótica ainda não foi incorporada à grande produção literária, porque padecemos da discriminação editorial e do preconceito público, estabelecendo-se uma polêmica sobre a existência de uma escritura homoerótica diferente de outras expressões literárias. Contudo, a existência de obras de temática homoerótica coincide com a própria história da literatura, desde a exaltação greco-latina da beleza e da juventude masculina e jovem, passando por subversões e rupturas ao longos de séculos seguintes até a busca de uma inacessível experiência da subjetividade nos tempos atuais (LEMOS, 2003), apesar da divisão entre textos que têm um valor positivo na questão homoerótica e negativo na estética *strictu sensu* (MORICONI, 2003, p. 50).

Chegamos ao ponto que nos interessa: no Brasil, pode se dizer, nenhum outro escritor como Caio Fernando Abreu conseguiu expor com tanta clareza e radicalidade a problemática homoerótica



masculina como elemento central na constituição da subjetividade. Seus contos e um romance (do qual falaremos, oportunamente) nos fazem entrar em contato com a experiência, a condição e as práticas homoeróticas masculinas em um contexto no qual ainda não vivenciávamos a *normalização* e a espetacularização das orientações sexuais dissidentes do padrão heteronormativo, uma vez que boa parte de sua obra cobre o período das décadas de 1970 e 1980 em que a ditadura regia a censura de temas malditos e a manifestação livre do uso dos desejos e dos corpos.

Não poderemos mapear toda uma produção de temática homoerótica masculina do autor em razão das implicações que um empreendimento de tal monta teria, porém, passaremos, a seguir, a esboçar, poucas e contundentes narrativas escolhidas cujo tratamento, além da elegância, primam pelo que há de mais elaborado no campo da obra de arte literária dos últimos tempos, e colocam em cena a afetivização das relações homoeróticas masculinas, desvendando-as através de práticas e vivências afetivas e eróticas que escapam às modalidades relacionais impostas pelos padrões heterossexistas.

Vejam, então, os textos escolhidos que tratam da afetivização entre homens: Caio F. (era assim que ele gostava de ser chamado² e dessa forma passaremos a chamá-lo aqui) publica seu primeiro livro em 1970. O surgimento de **Inventário do irremediável**³ (ABREU, 1970) traz à cena literária um autor cuja *excessiva influência de Clarice Lispector* é bastante notória. O título do livro é modificado depois que o autor se descobre portador do vírus H.I.V., para **Inventário do irremediável**: a preocupação com a morte inevitável (no Brasil da década de 1990 ainda se morria frequentemente do vírus) foi o estimulante para que o escritor revisasse toda sua obra. Aqui, aparece de forma bastante cifrada elementos temáticos que procuram dar conta do desejo e de práticas afetivas e sexuais homoeróticas masculinas, como é o caso do conto “Madrugada”.

Um segundo livro de contos aparece em 1975: **O ovo apunhalado** (ABREU, 1975) é uma amostra de que o autor atingira um grau de maturidade pela escolha temática fortemente individuada. Realidade e fabulação imbricam-se de tal maneira que podemos perceber um conjunto de situações e personagens mergulhados numa atmosfera de violência e amoralismo, como é o caso da narrativa “O afogado”. Nesse conto temos a reunião, em um mesmo caldeirão, de afetos como cuidado, desejo e medo, de um homem por outro em meio à adversidade do meio social.

Pedras de Calcutá (ABREU, 1997) é o terceiro livro de contos do autor. A narrativa “Uma

2 Segundo a biógrafa Paula Dip, Caio Fernando Abreu adotara a abreviatura do segundo nome e a abolição do sobrenome, para, em tom brincalhão, referir-se à Christiane F., uma alemã viciada em heroína, que se tornou célebre por sua autobiografia, na qual descreve sua luta contra o vício durante a adolescência.

3 Algumas edições com as quais trabalhamos não correspondem às das primeiras datas de publicação.



história de borboletas” é um exemplo de conversão do *absurdo* da experiência de alteridade e deslocamento (seja loucura ou orientação sexual) na forma de afeto, desejo, visibilidade de práticas subversivas e autorreflexão sobre as escolhas pessoais, em vista da dificuldade de manutenção da integridade dos sujeitos em um mundo permeado pela opressão e interditos sociais e sexuais.

Em 1982 assistimos ao surgimento do grande sucesso de crítica e público do livro **Morangos mofados** (ABREU, 1982). Na obra nos deparamos, de modo definitivo, com um autor em pleno domínio do exercício escritural, pela escolha dos temas, forma e sofisticação da linguagem. Citamos dois contos, “Sargento Garcia” e “Aqueles dois”, considerados obras-primas da *literatura gay* no Brasil. O primeiro trata da iniciação homoerótica de um adolescente por um oficial do Exército: os cenários e as situações em que proliferam o desejo e a relação sexual são cercados de um clima *underground* de licenciosidade; o segundo trata basicamente da relação afetiva homoerótica masculina, mesclada de medo e desejo, no ambiente de trabalho e sob o olhar público dos colegas de repartição e da chefia homofóbicos.

Triângulo das águas (ABREU, 1983) compreende, entre outros, o conto “O marinheiro”: nele, participamos do conflito em torno de uma relação dividida entre vivência afetiva e separação de dois personagens masculinos. Uma narrativa mais longa, e por isso mesmo designada por novela, “Pela noite”, segundo Moriconi (2002, p. 14), representa “uma típica noitada urbana em versão périplo-gay-pelos-bares-e-clubes-em-busca-de-sexo-amor”.

A seguir, Caio F. publica **Os dragões não conhecem o paraíso** (ABREU, 1988). Na obra, participamos dos dramas pessoais de homens ameaçados por todos os tipos de vírus finisseculares (solidão, violência e Aids) e em permanente busca de prazer, a exemplo das narrativas “Linda, uma história horrível”, “À beira do mar aberto” e “Dama da noite”.

Onde andaré Dulce Veiga? (ABREU, 1990), segunda incursão do autor no gênero romance, mistura, numa atmosfera de romance policial, os universos da redação jornalística com a música popular brasileira, desvendando o desejo reprimido e o prazer liberado na convivência com um mundo opressivo e as alternativas de contraposição ao medo da vivência dos desejos.

Com a publicação de **Ovelhas negras** (ABREU, 1995), o autor consagra ao conto “Depois de agosto” o relato pungente de dois homens soropositivos que têm um ao outro como companheiros em um mundo povoado pelo vírus, pela solidão e fragilidade dos laços humanos. Com essa narrativa, encerra-se a produção de Caio F. , ainda vivo, em torno da temática da afetivização entre homens na sua literatura.

Postumamente, a publicação de **Estranhos estrangeiros** (ABREU, 1996) reúne, entre



outros, o conto “Bem longe de Marienbad”, que discorre sobre a estranha percepção das ruínas de um relacionamento afetivo, do qual vestígios do passado acenam o transcurso amoroso e o cotidiano partilhado de dois sujeitos que, para o presente da narrativa, configura o exílio voluntário a que são obrigados na criação de um espaço de liberdade indispensável à própria sobrevivência. Nesse mesmo livro, reaparece a novela “Pela noite”, publicada originalmente em 1983.

Acreditamos que Caio F., através desses e de outras narrativas de mesma configuração homoerótica masculina, procurou introduzir a problemática do afeto e do erotismo nas relações gays na *normalidade* geral das relações sociais. Com essa estratégia, sob o viés da parafernália textual (isto é, criação de literatura!), tratou de que as relações afetivas e sexuais entre um e outro homem escapassem ao enquadramento das relações apontadas como *saudáveis*, legítimas e possíveis em nossa sociedade e, o que é admiravelmente fabuloso, acenou para a criação de um espaço de liberdade no qual novas possibilidades relacionais estampassem, concretamente, para a realização de uma agenda política que já mostrou, com lutas e espaços adquiridos, a ultrapassagem de um tempo em que os gays eram obrigados a seu auto-apagamento e seus amores tratados pela pecha do utopismo.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Caio Fernando. **Inventário do Irremediável**. Porto Alegre: Movimento, 1970.
_____. **Inventário do ir-remediável**. Porto Alegre: Sulina, 1995.
_____. **O ovo apunhalado**. Porto Alegre: Globo, 1975.
_____. **Pedras de Calcutá**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.
_____. **Morangos mofados**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
_____. **Triângulo das águas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
_____. **Os dragões não conhecem o paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
_____. **Onde andaré Dulce Veiga**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
_____. **Ovelhas negras**. Porto Alegre: Sulina, 1995.
_____. **Estranhos estrangeiros**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
DIP, Paula. **Para sempre teu, Caio F.**: cartas, conversas, memórias de Caio Fernando Abreu. Rio de Janeiro: Record, 2009.
ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. Coleção Ditos & Escritos V.
LEAL, Andréa Fachel e KNAUT, Daniela Riva. A relação sexual como uma técnica corporal: representações masculinas dos relacionamentos afetivo-sexuais. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro: 2006.
LEMOES, Saulo. Sendas do homoerotismo. **Revista Cult**. São Paulo: 17, 2003. Ano VI, n. 66.
MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4. ed. Rio de Janeiro; Forense Universitária, 2006.
MORICONI, Italo. Dossiê Cult: literatura gay. **Revista Cult**. São Paulo: 17, 2003. Ano VI, n. 66.
WELZER-LANG, Daniel. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo.



Masculinidades. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.
SCHPUN, Mônica Raisa. **Masculinidades.** São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.